

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Senado Agora chega

• Foi ainda sob o clima beligerante dos últimos 17 meses que o Senado elegeu ontem seu novo presidente, Ramez Tebet, dando-lhe metade mais um dos votos (41) contra 30 em branco e três nulos, vindos da oposição e do PFL. Mas agora a disputa passou e a Casa, apequenada por vendetas e escândalos, deve pôr fim ao revanchismo se quiser mesmo resgatar a auto-estima e a normalidade.

Em seu discurso de posse, o novo presidente parece ter ido ao encontro desse anseio pelo fim da contenda. O que mais se tem visto ali nos últimos tempos é o silêncio embaraçoso ao fim dos discursos — discursos de denúncia, de insultos, de defesa e de renúncia. Apesar dos 30 votos em branco, ontem as palmas voltaram ao plenário azul.

A renúncia de Jader Barbalho não o redimiu nem o livrou do processo, foi um gesto em favor da redenção política da Casa. Mas a escolha do sucessor resultou em nova discórdia interna, que agora não deve prosseguir, como aconteceu depois da eleição de Jader. Repetindo o que fez naquela época, sob o comando de ACM, o PFL mais uma vez tentou escolher e vetar nomes da bancada que tem direito regimental ao cargo, o PMDB. Isso agora acabou, deve acabar.

O PMDB também deve refletir sobre o amplo protesto, traduzido em 30 votos em branco, ao nome que acabou indicando por exclusão, depois da disputa interna e dos vetos externos, sem contar as preferências palacianas. O PMDB ganhador é o governista, que, tendo vencido a convenção e conservado a presidência do Senado, está forte e suficientemente afinado com o presidente da República para tentar manter o partido na aliança governista para a sucessão. Para tentar, pois prometeu às bases fazer prévias e ter candidato pró-

prio. Sem contar que a convivência com o PFL vai de mal a pior.

Vitória inteira mas pessoal foi a de Tebet, um senador sem maior tradição na política nacional que angariou o respeito de seus colegas depois de presidir a CPI do Judiciário e o Conselho de Ética, de onde saiu apelidado por ACM de rábula do Pantanal. A bancada carlista, por sinal, retirou-se do plenário quando ele discursou. Do PFL, só três o ouviram: Romeu Tuma, Francelino Pereira e Edison Lobão, que, apesar das manobras de seu partido para tomar o cargo do PMDB, cumpriu a contento a transição entre a licença e a renúncia de Jader.

O PSDB fez o que devia, apoiando o nome indicado pelo PMDB, honrando o acordo de reciprocidade que garantiu a eleição de Aécio Neves na Câmara. Fazer o contrário agora seria o fim. Tratou o presidente José Aníbal de aprovar uma nota da executiva não deixando dúvida sobre isso. A oposição exerceu o legítimo direito ao protesto, mas poderia ter se envolvido menos com as disputas entre os governistas.

Mas tudo isso, se ficar para trás, passado será, se não persistirem os senadores na beligerância e no jogo da bola da vez. Do contrário, como diz o primeiro-secretário Carlos Wilson, "nós não saberemos mais o que fazer, mas os eleitores saberão o que fazer conosco". E em breve.